



Alexandra Manes

O Príncipe Imperfeito

Conta-nos a história que, por volta de 1513, terá sido terminada a obra mais famosa de Nicolau Maquiavel: O Príncipe. Sobre a inspiração para a sua narrativa, os historiadores e analistas políticos não encontram consensos, ainda que se mantenham versões sobre o sanguinário Rodrigo Bórgia, ou sobre o nosso próprio D. João II. O que é certo, é que aquele livro relata uma espécie de plano de trabalhos sobre como conquistar poder, e mantê-lo pela força e pelo medo.

O Príncipe de Maquiavel foi replicado, ao longo dos séculos, de forma mais ou menos bem-sucedida, por uma série de aspirantes a ditadores, ou ditadrezinhos de cordel, que assumiram os pódios, inspiraram as massas e acabaram por perder. Gosto de acreditar que a derrota dessas pessoas é inevitável, ainda que o mundo insista em tentar provar-me o contrário.

Recentemente, assistimos à ascensão de mais um maquiavélico manipulador principesco. Mas não é a esse que dedico estas linhas. É de outro príncipe, também ele escolhido primeiramente pelo PSD, e pela sua relação com a manipulação, a comunicação social e o controlo das massas.

Sebastião não é aquele que alguns esperam que venha das brumas, mesmo que tenha uma cara igualmente juvenil e uma atitude que poderão considerar arrogantemente régia. Dr. Bugalho, para os amigos, é o cabeça de lista de uma candidatura da AD (PSD/CDS-PP e PPM) às Europeias, onde os restantes nomes foram apagados, tornando-se um caminho de um homem só, mesmo que Nascimento Cabral continue a insistir que vai ser eleito pelos Açores.

Sebastião Bugalho anda por todo o lado, rodeado por um vasto grupo de grisalhos conselheiros, que lhe dão todos os votos de confiança para ser o futuro do PSD. O último fenómeno semelhante terá sido o de Ventura, quando Passos Coelho lhe levantou a mão e depositou o seu voto nele, com firmeza.

O nosso comentador de carreira não muito vasta é muito mais do que apenas uma mascote, tendo conseguido a proeza de rebaixar

Rui Moreira ainda antes de começar a campanha, e seguindo-se uma presença proativa em todas as redes sociais e canais de televisão. Ninguém fica indiferente ao Sebastião, nem mesmo as sondagens que mostram o PSD a perder pontos, exponencialmente, em favor do partido de extrema-direita, que se aproveita da amizade de Bugalho para piscar o olho aos jovens do PPD.

Montenegro enganou-se na escolha do seu novo Príncipe, mas apenas porque o futuro de Sebastião parecia já traçado, dias antes de assumir-se candidato, quando defendeu com determinação todas as intervenções de Ventura na campanha eleitoral para as legislativas.

Sebastião não esconde a sua arrogância e ensejo. Basta passarmos os olhos pela maneira como responde às jornalistas, ou escutarmos algumas conversas de corredor sobre relacionamentos passados, sejam eles políticos ou pessoais. E, se não acreditarmos, então o melhor é vermos como Catarina Martins e Marta Temido desmontaram a sua fachada de acalmia, informando as portuguesas e os portugueses sobre a intenção de Sebastião em voltar a criminalizar a interrupção voluntária da gravidez em Portugal.

Sebastião Bugalho foi escolhido para ser o primeiro entre os pares da direita que se extrema. Um voto na lista que encabeça, será um voto numa Europa de valores cada vez mais corroídos, onde os que se dizem tradicionais e conservadores dão abraços apertados ao neofascismo radical. Onde as mulheres são condenadas a serem donas de casa, sem controlo sobre o seu próprio corpo. Onde ninguém será livre de viver como desejar, sem primeiro pedir autorização ao chefe e ao polícia.

Um Parlamento Europeu com mais Bugalhos e Tângeres é retroceder no tempo, principalmente nos direitos das mulheres. Basta ver que, em pleno século XXI, eurodeputados do PSD e CDS-PP votaram contra a inclusão do direito ao aborto na Carta dos Direitos Fundamentais da UE.

Sebastião Bugalho será sempre um príncipe imperfeito.

Diocese de Angra diz que “o que sucedeu no Pico não pode acontecer”

A porta-voz da Diocese de Angra afirmou que “o que sucedeu no Pico não pode acontecer”, mas recordou que quem frequenta a Igreja tem de cumprir as regras inscritas no código de direito canónico aprovado em 1983.

“Aquilo que se passou no Pico não poderia ter acontecido, não deveria ter acontecido. Nem no Pico nem em lugar nenhum. Mas, no fundo, o que aconteceu, foi um gesto irrefletido do sacerdote que quis acautelar estas regras que estão em vigor, que são aceites por todos, porque quem se abeira do altar para celebrar o sacramento do crisma está perfeitamente ciente e consciente deste conjunto de normas”, explicou Carmo Rodeia ao Notícias ao Minuto.

“Há questões que já estão ultrapassadas, que já estão desadequadas e de facto o Papa já o tem dito várias vezes que precisam de ser necessariamente alteradas, mas estas são as regras que estão em vigor às quais temos de corresponder”, continuou, acrescentando



tando que a Diocese de Angra “está a acompanhar a situação com o cuidado que todas estas coisas merecem” e que “os padres em questão já tiveram

oportunidade de falar com o senhor Bispo”.

Recorde-se que, conforme noticiamos ontem, em pelo menos duas

igrejas picoenses, a de Santo António e a da Piedade, madrinhas do crisma foram impedidas pelos padres, com cenas de agressividade, de colocarem a mão no ombro dos afilhados.

As famílias, revoltadas com a situação, que acusam os padres de “violência física”, vão apresentar queixa na PSP e já expuseram a situação ao Bispo de Angra.

Uma das famílias afirmou ao nosso jornal que o que está em causa é o modo como os padres agiram.

“Seja qual for a regra, que deveria ser esclarecida antes da cerimónia com os familiares, isso não permite que os padres tenham contacto físico com as madrinhas, puxando os braços, empurrando-as e agindo com forte agressividade. Uma vergonha para os padres e para a Diocese”, afirma.

Num dos casos, as famílias esperam uma pedido de desculpas público por parte do padre em causa, o que até agora não aconteceu, nem por parte da Diocese, mantendo-se a via judicial para a respectiva reparação.